

ARTEFILOSOFIA

Revista do Programa de Pós-graduação em Estética e Filosofia da Arte da UFOP

ISSN: 2526-7892

EDITORIAL

A Artefilosofia chega a seu vigésimo segundo número reformulada, com site novo, nova política e novos editores. A reformulação da revista acompanha a necessidade de reformulação do ensino e da pesquisa, principalmente no que se refere às ciências humanas, as quais têm pouco ou quase nenhum espaço na estrutura do mundo contemporâneo. É nesse sentido que a fala de Hans Ulrich Gumbrecht na entrevista que compõe esse número é referência para pensar tanto o lugar das humanidades e das artes, quanto a tendência dos trabalhos que figuram nessa edição.

Durante os últimos anos, e contra o entendimento de que a Universidade começou com Wilhelm von Humboldt, universidades se transformaram – e de forma bem-sucedida – em instituições para a transmissão de conhecimento protoprofissional (e, claro, não há nada de errado com isso). As Humanidades, contudo, quando estão em seu melhor, não produzem nem fornecem tal “conhecimento prático”, mas, antes, se engajam no que chamo de “pensamento de risco”. “Pensamento de risco” é o pensamento que produz mais novos problemas e novas questões do que respostas, um pensamento que faz o mundo parecer complexo e ainda mais complicado, um pensamento que não poderíamos bancar na vida prática, fora da “torre de marfim” do trabalho acadêmico. Enquanto os humanistas tentarem convencer que eles podem fornecer “conhecimento protoprofissional” (exceto para futuros professores das Humanidades), eles estão condenados a se tornarem crescentemente marginalizados – de uma forma que poderia (e irá) levar logicamente à sua extinção e exclusão das disciplinas acadêmicas. A única – e talvez forte – possibilidade que temos é precisamente insistir – contraintuitivamente – em seu potencial de “pensamento de risco”¹.

É na dimensão da proposição de um “pensamento de risco” que esse número se apresenta. A começar pelas traduções. Traduzido por Gabriel S. Philipson, o texto “Introdução à publicação alemã de O que fazer? de Tchernichévski” de Georg Lukács pretende, a partir de uma análise filosófico-literária do texto de Tchernichévski, ressuscitar o escritor do anonimato ao evidenciar o caráter publicista do texto, o qual tem o *pathos* social e humano no contexto revolucionário, como *télos* de seu romance. Já o artigo “Marcuse, sobre arte e tecnologia” de Andrew Feenberg, traduzido por Debora Pazetto, propõe uma contemporaneização da estética de Marcuse com o objetivo de pensar a proximidade entre arte e tecnologia, tendo em vista uma filosofia política da tecnologia.

¹ LAGE, Mariana. Entrevista com Hans Ulrich Gumbrecht. Artefilosofia, n.22, julho de 2017, p. 202-3

A seção Artefilosofia se inicia com um artigo de Marco Aurélio Werle intitulado “Natureza e sociedade no Werther de Goethe”. Werle compreende a obra de Goethe em sua dimensão intelectual, filosófica e estética. Para tanto, retoma o caminho traçado pelo escritor e as características das ações de Werther enquanto manifestações no âmbito da literatura, do cenário da estética que lhe é contemporâneo. Na sequência, o texto “Duas concepções de engajamento artístico em Mário de Andrade” de Philippe Curimbaba Freitas problematiza a compreensão do engajamento artístico na produção de Mário de Andrade no início e no final de sua carreira. A partir da ideia de arte de combate, Curimbaba Freitas traz à tona o aspecto político que se configura no pensamento do escritor. Em “Vilém Flusser e a Filosofia da Literatura”, eu, Rachel Costa, associa a ontologia e a epistemologia do filósofo à obra de Guimarães Rosa. Essa aproximação é realizada a partir do diálogo entre o escritor e o filósofo. A convivência se mostrou fundamental para a obra de Flusser e resultou em análises que figuram na contracorrente da fortuna crítica roseana. Nélio Conceição no artigo “Atirar pedras, olhar de frente a estranheza: sobre os gestos que não esquecem” retoma a relação entre memória, reminiscência e afecção corporal em Aristóteles para pensar a criação artística como um movimento de procura corporal, o qual mantém uma relação com as imagens do passado. Ao associar essa ideia com a filosofia benjaminiana, Conceição constrói o cenário para pensar a criação artística e o aplica à literatura e à fotografia. Para fechar essa seção o texto “Desenhos sob desenhos, jogo e resistência: William Kentridge e Jacques Derrida” de Alice Mara Serra e Leiner de Carvalho Hoki relaciona o conteúdo e a forma de trabalho de Kentridge aos conceitos, principalmente de rastro e traço, da filosofia de Derrida, mostrando como o trabalho do artista expressa o pensamento do filósofo.

A seção Estética e Filosofia começa com o texto “Arte e filosofia *versus* arte e natureza: abordagens schellinguianas” de Gabriel Almeida Assumpção. Ele propõe uma chave de leitura da estética de Schelling que liga sua filosofia da arte à sua filosofia da natureza. Para tanto, percorre a obra do filósofo estabelecendo ligações e discutindo com a fortuna crítica. Já o artigo “El arte de pensar. Performance y tras-formación estética de la filosofía en Martin Heidegger” de Giovanni Jan Giubilato coloca em questão os resultados de algumas críticas à filosofia de Heidegger ao incluí-lo no processo contemporâneo de “estetização da teoria”. Tendo como referência os Cadernos Negros, Giubilato mostra que há uma amalgama entre vida e pensamento em Heidegger. Fábio Caires Correia em “Obra de arte e objeto estético em Mikel Dufrenne” parte de uma reinterpretação do conceito de intencionalidade da filosofia husserliana para mostrar como Dufrenne o utiliza como instrumento de pensar a relação entre espectador e obra de arte. Já Mariana Ruiz Bertucci Schmitt no artigo “Arte como não realização do desejo em Jean-François Lyotard” retoma a discussão estética realizada pelo filósofo em sua juventude e mostra como ele relaciona arte e desejo nos termos de uma reinterpretação da psicanálise freudiana. Nessa perspectiva, Lyotard entende a arte como não realização do desejo, a partir da articulação dos conceitos de arte, linguagem e inconsciente, aproximando arte e sonho. Fechando a seção, o texto “How to judge a work of art today? Contemporary echoes of Kantian aesthetics” de Cécile Angelini retoma a querela acerca da experiência estética que ocorreu na França no início da década de 1990 como ponto de partida de uma análise que estabelece um diálogo entre a Estética kantiana e os discursos filosóficos contemporâneos.

Na seção Resenhas, José Fernández Vega trata criticamente do livro *L'arte espansa* de Mario Perniola. O livro mostra a situação periclitante das humanidades frente à objetificação do mundo, visto que mostra o campo das artes como subjugado a essa estrutura. Vega apresenta a crítica de Perniola à mercantilização da arte e explicita as forças e fraquezas da argumentação do filósofo.

Como citado anteriormente, Hans Ulrich Gumbrecht é a personalidade da seção entrevista. Realizada no ano de 2015, por Mariana Lage, esta entrevista conta com uma miríade de questões que tratam desde a decisão pela aposentadoria, a aproximação do pensamento heideggeriano e o lugar da Filosofia e da Literatura no mundo contemporâneo.

Na seção Homenagem, Eduardo Subirats retoma a situação de exílio dos pensadores e artistas de língua espanhola para lembrar a trajetória de Juan Goytisolo, literato espanhol morto no último dia quatro de junho.

Abrindo e fechando essa edição está o vídeo da artista Analu Cunha intitulado *Misundersstood (dialog)*. Um frame deu origem à capa e o vídeo compõe a já tradicional seção Arte. Normalmente composta por um poema, ou uma fotografia, esta seção se beneficia da migração para a plataforma OJS, a qual permite a inclusão de diferentes formatos. O vídeo explora o ponto de vista de um passageiro sentado na janela de um trem. Ao mesmo tempo em que a paisagem passa pela janela, criando um uma espécie de borrão em movimento. Os predominantes tons de verde, são, às vezes pincelados por outras cores, na medida em que a cidade se aproxima. O subtítulo “dialog” se refere à ambígua relação entre o ícone na janela, o texto que acompanha o passar da paisagem e o som de conversações diversas em diferentes línguas. Essa incomunicabilidade geral, ou apenas comunicabilidade local pode servir como metáfora do supracitado cenário das ciências humanas e das artes.

Assim, divulgação de “pensamento de risco”, em formato filosófico ou artístico, é a missão não somente desse número, mas da Artefilosofia.

Rachel Costa
Editora-Chefe